

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

JULHO/1980

Evangelismo em Férias

Estamos chegados a mais um período de férias. Certamente que elas são desejadas pelos estudantes, pelas donas de casa, pelos empregados, enfim por todos. A possibilidade de uma mudança, de desfrutar da praia ou do campo ou pelo menos afrouxar o ritmo de vida é necessário.

Há, porém, Irmãos e Irmãs que aplicam o mesmo princípio às actividades de natureza espiritual. Há mesmo o perigo de, durante as férias, esquecermos alguns princípios porque nos encontramos em terras estranhas, com gente que não nos conhece e a quem temos receio de mostrarmos princípios diferentes dos seus.

No entanto, as férias são uma época usada por muitos Irmãos/ãs, para testemunharem de sua fé, procurando nessa altura levar consigo livros, folhetos, revistas que podem deixar a mensagem por onde passam. Lembro igualmente os Cursos Bíblicos por correspondência e da Bíblia Responde que podem ser proporcionados por nosso intermédio. Isto a nível individual.

«Repousa sobre nós a pesada responsabilidade de advertir o mundo quanto ao juízo iminente. De todas as direcções, de longe e de perto, ouvem-se os pedidos de auxílio. A igreja, inteiramente consagrada ao seu trabalho, deve levar a mensagem ao mundo: Vinde ao banquete do evangelho; a ceia está preparada, vinde... Coroas, imorais coroas há para serem ganhas. O reino dos céus deve ser alcançado. Um mundo, a perecer no pecado, deve ser iluminado. A pérola perdida deve ser achada. A ovelha perdida deve ser conduzida de volta, em segurança, para o curral. Quem se unirá aos que vão buscá-la? Quem erguerá a luz aos que taceiam nas trevas do erro?» *Review and Herald*, 23 de Julho de 1895.

Quanto à responsabilidade e actividades das Igrejas, que normalmente afrouxam nesta altura, deveríamos explorar ao máximo as possibilidades que os meses de férias nos proporcionam.

Penso nas actividades da juventude que além do acampamento nacional para as várias idades, deveriam também realizá-lo a nível das Igrejas. Um acampamento é um meio extraordinário para proporcionar aos nossos jovens possibilidade de criarem laços de camaradagem e de se habituarem a uma vida sã, em comum. Também, muitos dos nossos jovens não frequentam as nossas Escolas e isso priva-os da possibilidade de um estudo bíblico que ali é proporcionado. Nos acampamentos isso pode e deve ser apresentado.

Penso nas crianças, cuja presença constante em casa durante as férias constitui motivo de preocupação para os pais. As Escolas Cristãs de Férias são um meio de Evangelização extraordinariamente bem recebido pelas crianças e que podem tocar igualmente os pais.

Penso nos lugares em que as pessoas se concentram para as férias e onde temos igrejas ou não. Há programas públicos de interesse para a comunidade que poderiam ser levados a efeito — equipas para medição de tensão, controle do peso, planos de 5 dias, palestras sobre educação, etc. Há os temas bíblicos que podem ser apresentados também com igual interesse. Há dias me procurou um membro duma dessas igrejas e me disse: — Irmão, porque não aproveitamos dar a mensagem aos milhares de pessoas que estão durante estes três meses de férias no lugar onde temos a nossa Igreja?

Há um desafio constante à nossa volta para realizar um trabalho para Deus. Há oportunidades que perdemos e que não voltarão mais. Cada Igreja deve fazer pois os seus planos para aproveitar as oportunidades que o Senhor nos concede.

Cada um de nós deve ter em atenção que em férias ou no trabalho, no lugar onde vivemos ou em viagem, é sempre tempo de testemunhar, de transmitir esta mensagem aos outros.

«Estamos próximos do grande e último conflito. Cada movimento de avanço feito agora precisa ser realizado com esforço crescente, porque Satanás está operando com todo o poder, a fim de aumentar as dificuldades em nosso caminho. Ele opera com todo o engano da injustiça, para prender a alma dos homens». *Evangelismo* pág.30

J. MORGADO

«estai vós apercebidos»

Conselho de Segurança anula decisão sobre Jerusalém

Os jornais dos primeiros dias deste mês de Julho noticiaram que o Conselho de Segurança das Nações Unidas declarou nula a decisão israelita de alterar o estatuto do sector oriental, ocupado, de Jerusalém, anexando-o transformando a cidade na capital oficial do Estado Judaico.

A resolução do Conselho, aprovada por 14 votos favoráveis, nenhum contra e a abstenção dos Estados Unidos, solicita ainda a Israel que retire dos territórios árabes ocupados desde 1967.

Garantias jurídicas para Jerusalém

Em artigo publicado no «Osservatore Romano», o Vaticano, resumindo os estatutos que deseja sejam respeitados em Jerusalém, pede que:

1. O carácter global de Jerusalém, como património sagrado comum das três religiões monoteístas, seja garantido por medidas apropriadas;

2. A liberdade religiosa, em todos os seus aspectos, seja salvaguardada para as três religiões;

3. O conjunto de direitos adquiridos pelas diferentes comunidades, sobre os santuários, centros de espiritualidade, de estudo e de assistência, sejam protegidos;

4. A permanência e desenvolvimento das respectivas actividades de carácter religioso, educativo e social sejam garantidos;

5. Estes diversos pontos sejam concretizados com igualdade de tratamento para as três religiões;

6. Seja dada uma «garantia jurídica» apropriada, que não seja emanada de uma só das vontades interessadas.

O Vaticano apresenta estes seis pontos, depois de salientar que «o problema de Jerusalém não pode reduzir-se ao simples livre acesso a todos os locais santos».

Ecumenismo em marcha

Antes de iniciar a sua viagem ao Brasil, João Paulo II proferiu um discurso perante todos os membros da Cúria Romana, no qual afirmou: «É preciso que, no princípio do próximo século, nos encontremos unidos na comunhão plena. É preciso voltar a aprender a respirar plenamente com os dois pulmões: o ocidental e o oriental.»

Afirmando que no final do ano serão anunciados resultados importantes a propósito do diálogo com os anglicanos, o Papa repetiu que «a unidade da Igreja não se pode fazer através de compromis-

sos teológicos» criticando, embora sem nomear, aqueles que «colocam em debate pontos fixados pela doutrina e pela disciplina».

Para uma agressividade dissuasória equilibrada

De acordo com o Tratado sobre o Armamento Nuclear (Salt II), assinado em Viena em Junho do ano passado, «os soviéticos deviam destruir 254 rampas de mísseis de longo alcance e bombardeiros, até ao fim do próximo ano, com o objectivo de atingir o tecto de 2 250 unidades. Os Estados Unidos, que possuíam 2 283 mísseis e bombardeiros quando o tratado foi assinado, teriam que destruir apenas 33 antiquados bombardeiros.»

A verdade é que, devido à evolução dos acontecimentos, o tratado não foi ainda ratificado até ao presente por nenhuma das duas potências em causa. Quer isso dizer que não há maneira de se deter a corrida aos armamentos nucleares?

Fugir das grandes cidades!

Cerca de 3 200 milhões de pessoas viverão nas grandes capitais no ano 2 000, segundo cálculos efectuados pelas Nações Unidas.

Um documento sobre o assunto afirma que até ao ano 2 000, haverá 60 grandes cidades com mais de cinco milhões de habitantes, das quais 45 no Terceiro Mundo. Actualmente há 26 cidades com este número, ou mais, de habitantes, enquanto, há 30 anos, só havia seis.

O documento informa que a Cidade do México, que tem actualmente quinze milhões de habitantes, terá, no ano 2 000, 31 milhões, ultrapassando Nova Iorque e Tóquio, hoje com 20,4 milhões e 20 milhões respectivamente.

Em segundo lugar, situar-se-á São Paulo, presentemente com 13,5 milhões e com uma previsão de 25,8 milhões para o ano 2 000. Por sua vez, Tóquio será a terceira capital, com 42,2 milhões de habitantes.

A China permite uma nova edição da Bíblia

A propósito de uma assembleia do «Comité do Movimento Patriótico das Igrejas Protestantes da China», a agência noticiosa «Nova China» revelou a decisão de se voltar a publicar a Bíblia em Chinês.

A última edição da Bíblia em língua chinesa data de 1957. Esta decisão é, na opinião de alguns observadores, mais um passo espectacular na política religiosa daquele país.

SUMÁRIO

- Evangelismo em Férias
- «Estai vós apercebidos»
- Se o Apóstolo Pedro vivesse hoje...
- O Desafio das Cidades
- Como Ellen G. White disciplinava seus filhos
- Conselho equilibrado sobre a confecção de gravuras e a idolatria
- Preservação e Custódia dos Manuscritos de Ellen G. White — I
- Revisão do Manual da Igreja
- Minha Mãe, a Igreja
- Notícias do Campo
- A Mensagem Adventista no Mundo

Revista Adventista

Publicação mensal

JULHO DE 1980

ANO XLI

N.º 406

Director: ERNESTO FERREIRA

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º

Telefone 251 08 44

2686 SACAVÉM CODEX

Execução gráfica:

ETAG - Estúdio Técnico de Artes Gráficas
V. Travelho — P. Mós

Preços:

Assinatura Anual 100\$00

Número avulso 10\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Se o Apóstolo Pedro vivesse hoje...

De 30 de Junho a 11 de corrente esteve João Paulo II no Brasil, onde percorreu trinta mil quilómetros, visitando os pontos vitais do país, na qualidade de «sucessor de Pedro», como ele próprio declarou.

Perante algumas das suas atitudes e discursos, virá a propósito perguntar como actuaria e falaria o apóstolo Pedro se hoje vivesse e visitasse um país como o Brasil.

Ao chegar a Brasília, João Paulo II foi recebido com as honras devidas a um chefe de Estado. Aceitaria tais honras o humilde discípulo d'Aquele que peremptoriamente disse a Pilatos: «O Meu reino não é deste mundo»?

Com oportunidades únicas de ser escutado pelos dirigentes da Nação e por milhões de ouvintes atentos, o sumo pontífice, «com uma boca que falava grandiosamente», em vez de arriunciar o evangelho da salvação pessoal, preferiu assumir o papel de paladino supremo do evangelho social. «O que ardentemente desejamos», disse ele, «é instaurar uma era de justiça e de paz, de desenvolvimento e de bem estar, de amor a Deus e ao próximo.»

Numa época em que poderosos movimentos à escala mundial se apresentam como defensores do proletariado, João Paulo II procura reclamar para si e para a sua igreja a missão de legítimos defensores dos pobres, recorrendo para o efeito a atitudes por vezes quase demagógicas, dando, como salientaram os meios de comunicação social, um «recado em casa alheia», oferecendo como gesto simbólico e fácil o seu anel de ouro aos favelados do Rio, enquanto deixava para os governantes e legisladores o espinhoso e sobre-humano encargo de resolver os problemas sociais do país.

Em todos os seus discursos, onde encontrar um referência de destaque à obra expiatória de Jesus, à necessidade da conversão pessoal, à iminência da segunda vinda de Cristo e do estabelecimento escatológico do Reino de Deus?

Estamos certos de que, se o apóstolo Pedro estivesse em seu lugar, não deixaria de repetir, adaptada às condições do século vinte, a grande mensagem proferida no dia do Pentecostes. E em vez de os seus ouvintes lançarem as culpas sobre governantes e legisladores, perguntariam antes, sob a convicção da sua grande necessidade espiritual: «Que faremos?» E o apóstolo lhes responderia, como outrora: «Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.» Que gloriosa oportunidade para exaltar Jesus e para indicar a milhões de perdidos o caminho da salvação eterna!

A própria inauguração do Congresso Eucarístico de Fortaleza, uma das intervenções finais da viagem papal, que esplêndida ocasião para rememorar as lições da Ceia do Senhor e da morte de Cristo! Em vez disso, porém, que foi salientado? — A problemática social das migrações, nas suas causas e nos seus efeitos!

Decididamente, uma viagem do apóstolo Pedro ao Brasil, neste final do século vinte, na iminência da vinda de Cristo, teria sido muito diferente ... e muito mais proveitosa.

E. Ferreira

O Desafio das Cidades

Ao aterrissar no aeroporto de La Guardia, em Nova Iorque, na manhã de 4 de Janeiro, pensei comigo mesmo que não havia melhor forma de passar esse dia do que concentrando-me no desafio dos grandes centros metropolitanos do mundo e nas promessas de nosso Senhor relacionadas com o trabalho nas cidades.

Às cinco e quinze naquela manhã o meu rádio-relógio tinha-me despertado para um novo dia. Fora estava um frio cortante (cerca de onze graus abaixo de zero). Vários dirigentes da Conferência Geral embarcaram comigo às oito horas no avião da ponte aérea da cidade de Washington para Nova Iorque. Como membros da Comissão Ministerial da Metrôpole de Nova Iorque, estávamos cumprindo uma promessa, feita em Setembro, de estar presentes à reunião de inverno desta singular organização.

A cidade de Nova Iorque tem sido apropriadamente citada como «um símbolo» das imensas concentrações de seres humanos que denominamos «cidades». Com a ênfase dada hoje em dia à vida rural, é relativamente fácil esquecer as pessoas presas nas densas selvas urbanas e ficar insensível ao seu clamor por compreensão e livramento. Ao passar o dia em discussão, avaliação e oração com os dirigentes da Conferência, União e Conferência Geral, fui novamente confrontado com uma persistente compreensão de que, de acordo com a escala de importância de Deus, uma das mais urgentes prioridades da Igreja é o desafio de levar as boas novas do evangelho eterno às cidades.

Quando estava na Terra, nosso Senhor falou com emoção sobre as cidades. Seu exemplo deveria influenciar cada um dos Seus seguidores dos tempos modernos a ter uma parte na tarefa de alcançar os milhões nas cidades. «E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando ... pregando ... e curando ... E, vendo a multidão, teve grande compaixão deles.» Mat. 9:35, 36.

Estamos aproximando-nos dos importantes

acontecimentos finais que precedem a vinda de Cristo. As cidades estão repletas de violência, crime, doenças, ruído, poluição ambiental, entretenimentos imorais, problemas laborais e perda de identidade individual por parte dos seus habitantes. Nas superpovoadas cidades, multidões vivem em pobreza e miséria enquanto na mesma região outros vivem em opulência, construindo fortunas colossais e gastando o dinheiro em satisfação própria e vícios que degradam a alma. Homens e mulheres, possuídos pelo demônio, envolvem-se em deprimente violência que resulta em perversa e brutal destruição de vidas humanas. A corrupção reinante está além do poder da pena humana para descrever. As cidades de hoje estão tornando-se rapidamente como Sodoma e Gomorra dos tempos bíblicos.

É nossa obrigação fazer todos os esforços possíveis para levar o conhecimento da verdade a todos os que quiserem ouvir; muitos ouvirão. «Em todas as grandes cidades Deus tem almas sinceras, desejosas de saberem o que é a verdade.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 3, pág. 334. O Senhor promete ricas recompensas e sucesso àqueles que devotam seus talentos e vidas ao serviço desprendido para alcançar as cidades com o evangelho. Ele insta para que os obreiros mais talentosos e capazes sejam escolhidos para as cidades. Ao fazermos nossa parte para alcançar as cidades e deixar nossa luz brilhar, meios fluirão para nossas tesourarias; pessoas de posse serão trazidas à verdade e darão de seus meios para o avançamento da obra de Deus. Uma das maiores preocupações de Ellen White durante seus últimos dez ou doze anos de ministério centralizava-se em dar primazia a atender às necessidades das cidades através de ação dinâmica e unida.

Em seu livro «Adventist Evangelism in the Twentieth Century», Howard B. Weeks relata que numa visita à Califórnia em 1910 A. G. Daniells, então presidente da Conferência Geral, pretendia visitar a Sra. White e estudar com ela planos para uma reunião com evangelistas na cidade de Nova Iorque. Para sua surpresa e tristeza, a Sra. White negou-se a vê-lo antes que ele dirigisse pessoalmente o trabalho de evangelismo de forma a inspirar uma completa dedicação denominacional. Esta reprovação foi uma experiência traumática para ele, como ele revelou posteriormente a um grupo de ministros australianos: «Ela (Sra. White) ... enviou-me mensagens a respeito do trabalho nas cidades nos Estados do leste. Eu parecia incapaz de compreendê-las plenamente. Consequentemente, não cumpri tudo o que estas mensagens

(Continua na pág. 6)



NEAL C. WILSON
Presidente
da Conferência Geral

Como Ellen G. White disciplinava seus filhos

CLARENCE DUNDEBIN

director da Escola Secundária
de Sliqo, Takoma Park

Disciplina preventiva em vez de controle correctivo era a regra seguida por Ellen White e seu marido. Desde o início eles trabalharam juntos no sentido de prover para os filhos, Henry, Edson e Willie, uma vida doméstica que fosse diferente da que era típica nos lares de Battle Creek. Procuraram preencher os dias com actividades agradáveis que ajudaram seus filhos a entrar na vida adulta com um mínimo de conflito com os pais.

Antes que seus filhos pudessem raciocinar, Ellen começou a ensinar-lhes a lição de obediência, considerada por ela como uma das lições mais importantes que uma criança deveria aprender. Diz ela: «Deve estabelecer-se o hábito (da obediência) por meio de um esforço brando e persistente.» — *Educação*, pág. 287.

Ela não se permitia de forma alguma seguir o modelo extravagante de disciplina praticada por muitos dos seus contemporâneos. Ela havia planejado cuidadosamente a forma como pretendia agir. «A educação da criança, em casa e na escola», escreveu ela, «não deveria ser como o ensino de mudos animais.» Ela ampliou isso ao dizer: «Os mudos animais devem ser exercitados, pois não possuem razão nem inteligência. À mente humana, porém, deve ser ensinado o domínio próprio. Ela deve ser educada a fim de governar o ser humano.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 1, págs. 315, 316.

Ellen White via sua responsabilidade na área de disciplina em termos de acções positivas. Segundo sua forma de pensar, a disciplina apropriada dirige, educa e ajuda a desenvolver a maturidade.

Frequentemente a opinião da Sra. White sobre esses assuntos contrariava a ideia corrente em seus dias. Certa ocasião ela disse aos professores e pais que deveriam tornar a obediência às regras tão fácil quanto possível. «As regras demasiadas são coisa tão ruim como a deficiência delas», disse ela. «O esforço para se 'quebrar a vontade' de uma criança é um erro terrível.» — *Educação*, pág. 288.

Ellen tinha grande confiança nas pessoas e acreditava de uma maneira especial nas crianças. Ela escreveu: «As crianças e jovens são beneficiados se se deposita neles confiança. Muitos, mesmo dentre os pequeninos, têm um elevado senso de honra; todos desejam ser tratados com confiança e respeito.» — *Idem*, pág. 289.

Em sua metodologia não havia lugar para crítica contínua. Ela e seu marido salientavam os pontos positivos, embora tomassem tempo para mostrar aos filhos as áreas que precisavam ser corrigidas ou fortalecidas. Muitas vezes, por expressarem seus sentimentos de alegria e apreciação pelo comportamento apropriado, eles evitaram o surgimento de algum problema.

Certa vez, quando em viagem longe de casa, ela escreveu para os filhos: «Vocês têm sido filhos muito bondosos e obedientes. Às vezes vocês são desobedientes, mas não teimosos.» — *Carta 21*, 1861. Suas cartas e contactos diários sempre ofereciam esperança e encorajamento, os quais balanceavam qualquer reprimenda que ela sentisse que deveria fazer.

Até mesmo leves sinais de melhoria provocavam expressões de apoio. Num bilhete para Edson depois de saber que ele estava esforçando-se para evitar certos problemas, ela disse: «Estou tão grata por ouvir notícias tão boas a teu respeito — que estás tentando fazer o que é certo e que não tens feito nada errado.» — *Carta 11*, 1859. Duas semanas mais tarde ela dizia para Edson e Henry: «Nós não desejamos compelir-vos, queridos meninos, mas queremos ajudar-vos a fazer o que é certo.» — *Carta 26*, 1859.

MODELOS COMPORTAMENTAIS ALTERNADOS

Frequentemente ela disciplinava sugerindo modelos comportamentais alternados. Por exemplo, ao ver um menino maltratando um cão e um adulto sendo rude como um cavalo, ela escreveu para Edson e Willie: «Vou contar-vos o que vi hoje na rua. Um menino estava maltratando um cão. Era um menino pequeno e eu pensei: Aquele menino está treinando crueldade. Pensei em como meu coração se entristeceria se um de vocês fizesse o que ele estava fazendo.

«Noutra rua um homem muito bem vestido, com aparência de cavalheiro, estava montado num belo cavalo. O vento levou um pedaço de papel para debaixo das patas do cavalo, o que o assustou e o fez saltar. Foi só isso, mas aquele homem que parecia ser um cavalheiro, espancou cruelmente o cavalo. ... Eu imagino que o homem tenha começado seus actos de crueldade como menino — contra pequenos animais. Ele agiu como um tirano.» — *Carta 26*, 1868.

Várias vezes Ellen White deu aos filhos pequenas recompensas para fazê-los lembrar seu amor por eles. Numa viagem, quando ainda faltavam oito semanas para a família voltar a reunir-se, ela contou a Willie quanto amor e saudade sentia. Juntamente com essas expressões de amor, escreveu: «Na última caixa que mandámos para Battle Creek havia algumas quinquilharias para ti e uma caixinha de rebuçados.» — *Carta 10*, 1859.

Um ponto central no pensamento da Sra. White sobre comportamento eram suas ideias quanto a regras. Deveria haver poucas regras, insistia

ela. Estas regras deveriam, tanto quanto possível, ser regras com as quais aqueles que tivessem de viver debaixo delas concordassem; depois de terem sido estabelecidas, elas deveriam ser cumpridas.

O acto de fazer cumprir as regras não significava castigo corporal automático. Na verdade os castigos corporais não eram a forma preferida de castigo no lar dos White. Tanto o pai como a mãe sentiam que as explosões emocionais que frequentemente acompanham as palmadas, apenas servem para desenvolver sentimentos mais profundos de alienação e ressentimento. «Temos orado e labutado por nossos filhos e os temos controlado», declarou ela. «Não temos negligenciado a vara, mas antes de usá-la temos trabalhado no sentido de que vejam suas faltas e então oramos com eles.» — *Spiritual Gifts*, vol. 2, pág. 212. Ela sentia que uma única surra em toda a vida poderia ser suficiente, se fosse aplicada correctamente.

MANTENDO ABERTOS OS CANAIS DE COMUNICAÇÃO

Na realidade, a necessidade de punição física foi minimizada no lar da Sra. White porque as tarefas e os tempos livres em família eram empregados para absorver o excesso de energia que poderia induzir os meninos a agir incorrectamente. Ellen White era francamente a favor de conservar seus filhos ocupados em actividades agradáveis e frequentemente participava nessas actividades. Ela aprecia especialmente trabalhar com eles no grande jardim da família. Às vezes a família deixava de lado as ferramentas de jardinagem, preparava um lanche e ia até o rio, para fazer um piquenique. Outras vezes eles faziam longas caminhadas nos campos onde gozavam as belezas do ambiente natural.

Várias vezes no Verão a família descansou junta, acampando nas montanhas do Estado de Colorado. Não é preciso dizer que os meninos apreciavam estas férias em família e como resultado, mais tarde, tiveram menos tendência para sair do bom caminho.

A habilidade de salientar o positivo parecia ser a chave das excelentes relações entre Ellen White e seus filhos. Sua maneira de agir tem sido reconhecida por muitos psicólogos como superior a outros métodos defendidos recentemente. Seus métodos têm obtido tanto sucesso hoje como obtiveram na época em que ela os aplicou nos próprios filhos.

A Sra. White demonstrava muito tacto ao lidar com os três filhos. Seu relacionamento com Edson ilustra quão habilidosa ela era em reduzir ao mínimo as diferenças de opinião enquanto ao mesmo tempo o mantinha achegado a ela e a Deus. Edson nem sempre dizia a verdade e era também extravagante com o uso do seu dinheiro. Ele gastava o dinheiro que ganhava satisfazendo sua vaidade em vez de comprar alimento e roupa. Estas duas fraquezas preocupavam muito sua mãe.

Ellen White não hesitou em chamar a atenção de Edson e dizer quanto este comportamento lhe desagradava, mas ela o fez de tal maneira que não o afastou dela, nem fechou os canais de comunicação entre mãe e filho. Tinha uma habilidade especial de expressar suas críticas de tal maneira que estas não podiam ser interpretadas como algo que humilhasse a pessoa.

Frequentemente ela usava a técnica conhecida pelos modernos especialistas em comunicação como «mensagens na primeira pessoa» em vez de «mensagens na terceira pessoa». O trecho que se segue, extraído de uma carta para Edson, ilustra como ela usava esta técnica: «Edson, meu filho querido, eu tenho uma preocupação a teu respeito. Sei que não te sentes feliz. Quando falo contigo, pareces estar distante de mim, como se minhas palavras fossem inúteis. Isso faz com que eu me sinta mal, Edson. Eu não posso alcançar-te enquanto esta barreira não for derrubada e me não abrires completamente o teu coração.» — *Carta 15*, 1868.

Bondade e interesse caracterizavam o estilo de disciplina de Ellen White. No entanto, ninguém deveria concluir daí que ela transigisse com o erro. Ela era muito clara a este respeito. «Nem no lar nem na escola deve ser tolerada a desobediência», disse. «Não é o amor mas o sentimentalismo o que usa de rodeios com as más acções, procura pela lisonja ou suborno conseguir a submissão e finalmente aceita algum substituto da coisa exigida.» — *Educação*, págs. 290, 291.

Qual é, então, a regra pela qual podemos saber se a disciplina é apropriada? Ela resumiu: «Alcança-se o verdadeiro objectivo da reprovação apenas quando o próprio malfeitor é levado a ver a sua falta e consegue sua vontade no empenho de corrigir-se.» Então ela acrescenta: «Quando isto se cumpre, apontai-lhe a fonte de perdão e poder. Procurai preservar o seu respeito próprio e inspirar-lhe ânimo e esperança.» — *Idem*, pág. 292.

O Desafio das Cidades

(Continuação da pág. 4)

diziam que devia ser feito. Finalmente recebi uma mensagem na qual ela disse: 'Quando o presidente da Conferência Geral se tiver convertido, saberá o que fazer com as mensagens que Deus lhe enviou.' ... Desde então aprendi que precisamos de reconverter-nos de vez em quando.» — *Australian Record*, 13 de Agosto de 1928.

É possível que o presidente da Conferência Geral em 1980 necessite de uma experiência semelhante? Você e eu precisamos de ser reconvertidos quanto aos nossos privilégios e responsabilidades como seguidores de Jesus Cristo? O desafio de mil almas por dia dá amplo incentivo para reconversão e para dar primazia a ganhar almas e ao evangelismo?

Conselho equilibrado sobre a confecção de gravuras e a idolatria

POR E. G. WHITE

Para alguns homens e mulheres tem sido difícil estabelecer a linha divisória no assunto da confecção de gravuras. Alguns têm feito um ataque contra gravuras, fotografias e quadros de toda a espécie. Tudo deve ser queimado, dizem eles, afirmando que a confecção de toda a espécie de gravuras é proibida pelo segundo mandamento; que elas são um ídolo.

Um ídolo é algo que seres humanos amam e em que confiam em vez de amarem e confiarem em Deus seu Criador. Qualquer coisa terrestre que os homens desejem e em que confiem como tendo poder para os ajudar e beneficiar, aparta-os de Deus, e é para eles um ídolo. Tudo o que divide as afeições, ou tira da alma o supremo amor de Deus, ou se entrepõe para impedir ilimitada lealdade e inteira confiança em Deus, assume o caráter e toma a forma de um ídolo no templo da alma.

O primeiro grande mandamento é: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento» (Mat. 22:37). Aqui não é permitida qualquer separação das afeições de Deus. Em I João 2:15-17 lemos: «Não ameis o mundo nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.» Ora



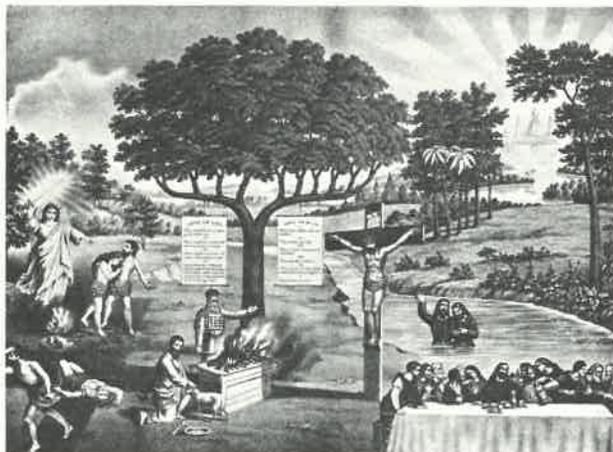
Cristo — o Caminho da Vida

Copyright, 1883, por Mrs. E. G. White

se as gravuras feitas têm a tendência para separar as afeições de Deus, e são adoradas em vez de Deus, nesse caso elas são ídolos. Têm os que pretendem ser seguidores de Jesus Cristo exaltado essas coisas acima de Deus, e têm dado a elas suas afeições? Tem o seu amor pelos tesouros preenchido em seus corações o lugar que Jesus devia ocupar?

Têm os que queimaram todas as suas fotografias de amigos e de toda a espécie de gravuras que possuíam alcançado por esse acto um mais elevado estado de consagração, e manifestam em palavras, no comportamento, e na alma, que estão enobrecidos, elevados, possuídos por um espírito mais celestial? É sua experiência mais rica do que antes? Oram e crêem com uma fé mais perfeita depois de terem feito esse holocausto? Subiram ao monte? Foi aceso em seus corações o fogo sagrado, dando-lhes novo zelo e maior dedicação a Deus e à Sua obra do que antes? Tocou os seus corações e os seus lábios uma brasa viva do altar do sacrifício? Pelos seus frutos podeis dizer qual o caráter da obra. — Manuscrito 50, 1886.

E. G. White, *Selected Messages*,
Livro 3, págs. 330, 331.



O Caminho da Vida desde o Paraíso Perdido até ao Paraíso restaurado

Copyright, 1876, por James White

Ainda sobre este assunto, ver *Mensagens Escolhidas*, Livro 2, págs. 318-320.

Preservação e Custódia dos Manuscritos de Ellen G. White — I

POR ÉLBIO PEREIRA

SECRETÁRIO-ASSOCIADO DO PATRIMÔNIO LITERÁRIO DE ELLEN G. WHITE (WHITE ESTATE)

Ellen White escreveu o seguinte em 1907:

«Seja ou não poupada a minha vida, meus escritos falarão sem cessar, e sua obra irá avante enquanto o tempo durar. Meus escritos são conservados em arquivo no escritório, e mesmo que eu não deva viver, essas palavras que me têm sido dadas pelo Senhor terão vida ainda e falarão ao povo.»¹

A Igreja tem mantido uma constante preocupação com o cuidado do precioso material que, através de Sua serva, o Senhor Se dignou colocar em mãos de Seu povo para orientá-lo nas mais diversas matérias relacionadas com seu peregrinar neste mundo até à sua entrada nas mansões celestiais.

A princípio a jovem mensageira não compreendia todo o alcance de sua obra. Ignorava, também, que seu ministério se prolongaria por quase 70 anos e que sua missão de comunicar as mensagens do Senhor se completaria num tempo distante com uma verdadeira montanha de materiais que, com seus originais, ultrapassam 60 000 páginas.

A partir da publicação da primeira visão, recebida em Dezembro de 1844, e ao longo dos anos, à medida que o material aumentava continuamente, Ellen White compreendeu a necessidade de dar atenção particular à ordenação dos documentos e das cartas que escrevia a diferentes pessoas com mensagens específicas. Foi então que, através das publicações da incipiente igreja, a serva do Senhor solicitou dos que receberam dela cartas no passado, das quais não havia conservado cópias, que as enviassem, originais ou cópias, a fim de que pudessem integrar o arquivo. Quando em 1885 viajou à Europa, junto com sua bagagem pessoal foram carregados uns fardos envoltos em encerado. Continham eles o material que já começava a ser conservado ordenadamente. Quando do seu regresso aos Estados Unidos em 1887, o volume de materiais havia aumentado consideravelmente. Embora *O Conflito dos Séculos* já houvesse sido editado, sua forma final, como o temos hoje, surgiu logo após sua estada na Europa. A edição actual da obra é, com poucas alterações, o trabalho final de um processo de anos do livro que E. G. White considerava como o mais querido dos que escrevera.

Ao regressar da Austrália, onde havia passado nove anos a partir de 1891, a carga que acompanhava sua bagagem era muito superior à que trouxera da Europa. Incluía agora o material de *Caminho a Cristo* (Aos Pés de Cristo), *O Maior Discurso de Cristo*, *O Desejado de Todas as Nações*, *Parábolas de Jesus*, além dos manuscritos para a publicação do sexto volume de *Testimonies* que contém

extensos conselhos sobre a obra educacional e, logicamente, numerosas cópias de artigos e cartas escritos durante esses anos.²

Marian Davis havia sido uma secretária excepcional,³ e podia entregar-lhe, a seu pedido e com rapidez, qualquer material escrito anteriormente ao qual Ellen White fizesse referência ou solicitasse por alguma razão, como a de acrescentar parágrafos de um artigo anteriormente publicado em um livro novo, por exemplo. Mas em realidade requeria-se uma organização melhor do que a que tivesse de depender da eficiência e memória de uma pessoa. Além disso, por aquelas alturas, o volume dos manuscritos requeria uma reorganização. Em 1901, e para ajudar na solução do problema, a Conferência Geral proporcionou a Ellen G. White o excelente organizador de seu arquivo que foi o Pastor C. C. Crisler. Este havia actuado na qualidade de secretário particular de três presidentes da Conferência Geral, os Pastores O. A. Olsen, G. A. Irwin e A. G. Daniells. O Pastor Crisler, que depois serviu no Oriente, particularmente na China, e que morreu quando tentava introduzir a mensagem no Tibete, trabalhou nos escritórios dos depósitos de manuscritos da Califórnia até ao ano de 1916, um ano depois da morte da Sra. White, e realizou uma tarefa extraordinária.

Assim, com o aumento do volume de manuscritos, particularmente, chegou-se a organizar melhor não só os materiais que Ellen White havia de deixar para a igreja, mas passou-se a constituir uma instituição com personalidade jurídica e um corpo de homens e mulheres que zelam e trabalham permanentemente preparando trabalhos escritos, respondendo a perguntas sobre a vida e obra da serva do Senhor, reunindo materiais para a preparação de novos livros, servindo a igreja em tudo quanto tenha que ver com o precioso legado procedente do Senhor através da revelação e cumprindo com outras tarefas afins que se fizessem necessárias com o tempo.

O Funcionamento do Património White⁴

E. G. White faleceu em 16 de Julho de 1915 como consequência de um acidente ocorrido em sua própria casa no sábado 13 de Fevereiro do mesmo ano. Já em 1912 havia estabelecido os termos do seu testamento, o que leva a data de 9 de Fevereiro. No mesmo, entre outros assuntos, nomeava os componentes do grupo de depositários a quem confiava a supervisão e o cuidado de seu legado à

igreja. Também estabelecia as funções e atribuições dos mesmos. O grupo era formado por cinco dirigentes, três dos quais eram então membros da Junta Directiva da Conferência Geral. Os demais haveriam de sê-lo também após algum tempo. Entre eles figurava o próprio presidente da Conferência Geral.⁵

O que E. G. White legava ao grupo por seu testamento era, basicamente, o seguinte: os arquivos de artigos que havia escrito para revistas e periódicos que somavam uns 4 500; os materiais de seus livros escritos até à data, totalizando umas 45 000 páginas escritas à máquina; além disso, umas 1000 cartas redigidas por seu próprio punho. A tudo isso somavam-se outros documentos e materiais de valor.

Esse legado foi conservado num edifício levantado em sua própria moradia, chamada Elmshaven, próximo de Santa Helena, Califórnia. Ali funcionou até ao ano de 1937. Naquele ano, no primeiro dia de Setembro, com a idade de 83 anos, falecia seu filho Guilherme que a havia acompanhado desde a morte do Pastor Tiago White, ocorrida em 6 de Agosto de 1881, em Battle Creek, Michigan. Guilherme havia actuado como secretário do grupo de fideicomissários. Já em 1933 os depositários haviam mantido conversações com os administradores da Conferência Geral a fim de revelar-lhes as preocupações em relação com a preservação do património deixado por E. G. White. Efectivamente, depois de sua morte procedeu-se à transferência de todo o material para a capital do país. Em meados de Janeiro de 1938 já funcionava em dependências da sede da Conferência Geral.

Um segundo assunto sobre o qual se chegou a uma decisão tinha que ver com a sustentação económica da operação do Património White. Até então este havia-se movimentado segundo as possibilidades financeiras da própria instituição. As entradas consistiam em percentagens que das editoras adventistas norte-americanas eram passadas ao centro do qual se atendia tudo o que se relacionasse com as obras de E. G. White. Essas entradas eram insuficientes para a propagação devida dos materiais de posse da igreja. Desde o acordo em referência, as entradas procedentes das editoras passam a integrar o orçamento geral da Conferência Geral e esta designa um orçamento para a operação racional do Património White, independentemente das entradas procedentes das casas editoras antes mencionadas.

Além disso foi tomada uma terceira medida. Esta tinha que ver com a organização do Património White numa corporação legal. Formularam-se cláusulas pelas quais se estabelecia que, em caso de conveniência ou necessidade, o número dos depositários poderia ser aumentado. O testamento determina que o grupo dos depositários se perpetua por si mesmo. Isto quer dizer que ocorrendo a morte de um dos depositários, os remanescentes elegem o sucessor do desaparecido. Foi por razões práticas e de representatividade que se abriu a porta para ampliar o número dos depositários. Assim, em 1950, este passou a ser de sete, e em 1958, nove. Actualmente este número é de onze.

Referências

1. *Mensagens Escolhidas*, liv. 1, pág. 55.
2. Os livros enumerados foram publicados, respectivamente, em 1892, 1896, 1898, 1900 e 1901.
3. Marian Davis, 1847-1904. Anteriormente a 1879 serviu como professora numa escola rural e foi revisora de provas na *Review and Herald*. A partir desse ano foi assistente literária de E. G. White. Acompanhou-a em suas viagens pelos Estados Unidos, Europa e Austrália. Trabalhou 25 anos para E. G. White e teve um grande reconhecimento por sua habilidade para o trabalho que se lhe confiou sempre por parte de Ellen White.
4. O nome legal é «Ellen G. White Estate Incorporated». Foi criado em harmonia com os termos do testamento de E. G. White. Essa organização, que chamaremos neste artigo simplesmente «Património White», actua como agente de E. G. W. na custódia de seus escritos e na publicação dos mesmos, basicamente.
5. Os depositários originais foram: A. J. Jones, gerente da editora Pacific Press; F. M. Wilcox, chefe de redacção da *Review and Herald*; W. C. White, filho da Sra. White e que serviu por 34 anos como secretário do grupo; C. C. Crisler e A. G. Daniells, presidente da Conferência Geral.

DECLARAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO

Na última sessão da Conferência Geral foi *votado*, acrescentar uma nova secção, «Declaração Sobre Educação», no *Manual da Igreja*, a ser redigida como segue:

Filosofia. A igreja tem em funcionamento um sistema escolar para assegurar que a sua juventude possa receber uma equilibrada educação física, mental, espiritual, social e vocacional em harmonia com as normas e ideais da denominação, tendo a Deus como fonte de todo o valor e verdade moral. O declarado interesse da igreja é a restauração do homem da imagem do seu Autor, resultando no mais perfeito desenvolvimento da pessoa integral tanto para esta vida como para a futura.

A igreja tem em funcionamento as suas próprias escolas, desde o jardim de infância até à universidade, com o propósito de transmitir a seus filhos os seus próprios ideais, crenças, atitudes, valores, hábitos e costumes. As escolas seculares procuram preparar cidadãos patriotas e cumpridores da lei, e ensinar certos valores; as escolas adventistas, além disso, propõem-se desenvolver cristãos adventistas do sétimo dia leais e conscienciosos. Um verdadeiro conhecimento de Deus, comunhão e companheirismo com Ele no estudo e serviço, semelhança a Ele no desenvolvimento do carácter, são a fonte, os meios e o alvo da educação adventista do sétimo dia.

Objectivos. As escolas dirigidas pela igreja esforçar-se-ão por oferecer a todos os seus estudantes uma educação dentro do quadro da ciência da salvação. Os ramos fundamentais e comuns de conhecimento devem ser estudados de maneira a desenvolver eficiência em seu uso.

Especificamente, estas escolas esforçar-se-ão por ajudar cada estudante a aperfeiçoar-se nos princípios de saúde e temperança, no domínio dos processos fundamentais de aprendizagem, na vivência digna das relações familiares, na educação cívica, no uso conveniente dos tempos livres, e na maturidade ética. Propor-se-ão atingir objectivos de dedicação espiritual, realização própria, ajustamento social, responsabilidade cívica, missão e serviço mundial, e suficiência económica, através de um ensino de alta qualidade e centralizado em Cristo.

Revisão do Manual da Igreja

Como prometíamos na *Revista Adventista* de Junho, continuamos a publicar alguns aditamentos e alterações ao *Manual da Igreja*, votado na 53.^a sessão da Conferência Geral. Tais aditamentos e alterações são assinalados em itálico. As páginas indicadas correspondem às do *Manual* em inglês.

A Escola Sabatina

Votado,

1. Emendar a secção «A Escola Sabatina», *Manual da Igreja*, págs. 146-153, de maneira a ficar redigida como segue:

«A obra da Escola Sabatina é importante, e todos os que se interessam na verdade devem esforçar-se por torná-la próspera.» — *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 9.

«A Escola Sabatina, devidamente dirigida, é um dos grandes instrumentos divinos para trazer almas ao conhecimento da verdade.» — *Idem*, pág. 115.

Os dirigentes, professores e a totalidade dos membros devem cooperar com os outros departamentos da igreja em toda a obra missionária e actividade salvadora de almas, *bem como realizar energicamente evangelismo da Escola Sabatina por meio das classes regulares da Escola Sabatina, Dias de Decisão, classes bíblicas dirigidas pelo pastor, Dia das Visitas, Escolas Bíblicas de Férias, e Escolas Sabatinas Filiais, incluindo Clubes Bíblicos de Vizinhos e Horas de Histórias Bíblicas.*

De igual maneira, todos os departamentos da igreja devem trabalhar em união com a Escola Sabatina para a edificação da mesma e para fazer com que todo o trabalho da igreja seja tão eficiente quanto possível.

Os dirigentes da Escola Sabatina devem ser membros da igreja. São eleitos por um ano. *Os oficiais que servem como membros da Comissão da Escola Sabatina são eleitos da mesma maneira e na mesma ocasião em que os oficiais da igreja.* A lista dos dirigentes da Escola Sabatina e seus auxiliares a ser eleitos pela igreja é a seguinte: director com um ou mais auxiliares; secretário, com um ou mais auxiliares; um dirigente, para cada divisão incluindo as divisões de adultos e de extensão; um director da Escola Bíblica de Férias; e um secretário do Fundo de Inversão.

Quando pelo menos dois directores-associados são eleitos, ao primeiro associado deve ser atribuída a responsabilidade de promover o evangelismo da Escola Sabatina e será chamado director-associado para o evangelismo. Ao segundo associado deve ser atribuída a responsabilidade de cuidar dos membros e será chamado director-associado para os membros. Onde seja possível, o coorde-

nador de pessoas interessadas deve levar esta responsabilidade.

A Comissão da Escola Sabatina.

— *A comissão da Escola Sabatina é o corpo administrativo da Escola Sabatina. Consta dos seguintes membros: director (que serve como presidente), director(es)-associado(s), secretário (que serve como secretário da Comissão), secretários-associados, dirigentes das divisões, secretário do Fundo de Inversão, director da Escola Bíblica de Férias, um ancião (nomeado pela junta de igreja ou pela junta de anciãos), o pastor (ex officio). Quão cedo quanto possível após a eleição dos oficiais, o director deve convocar uma reunião da Comissão da Escola Sabatina para nomear, de acordo com as necessidades das várias divisões, outros oficiais que não servem como membros da Comissão da Escola Sabatina. Estes podem incluir dirigentes auxiliares para as diversas divisões, directores de música, pianistas ou organistas e recepcionistas.*

Além dos dirigentes, a Comissão da Escola Sabatina nomeia os professores de todas as divisões. Quaisquer vagas que ocorram nestes cargos durante o ano devem ser preenchidas pela Comissão da Escola Sabatina.

A Comissão da Escola Sabatina é responsável pelo êxito da direcção da Escola Sabatina, através da liderança de seu presidente, o director. A Comissão deve reunir-se pelo menos uma vez por mês.

O Director. — O director da Escola Sabatina é quem nela ocupa o posto mais elevado. Logo que for eleito deve começar a fazer planos para o funcionamento eficaz da sua escola. Deve o director familiarizar-se com os planos do Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral. Espera-se dele que actue em conformidade com as decisões da Comissão da Escola Sabatina, no tocante à direcção da mesma.

Está o director encarregado de todas as divisões da Escola Sabatina. *Ele não é dirigente da divisão de adultos pelo simples facto de ser director. Pode também ser eleito dirigente da divisão de adultos ou de outra qualquer divisão.* Cada director de divisão deve submeter ao director da Escola Sabatina qualquer sugestão para modificar o andamento de sua respectiva divisão, para que ele a apresente à Comissão da Escola Sabatina.

Os professores da Escola Sabatina são nomeados para um ano-calendário, mas estão sujeitos a mudança, a critério da comissão. Ao mesmo tempo em que se escolhem os professores regulares, devem ser escolhidos um ou mais professores auxiliares para cada divisão e cada classe. Estes podem ser convidados pelo director para ocupar qualquer vaga que

ocorra de quando em quando na divisão ou na classe para que foram escolhidos.

Ao ocorrer uma vaga em qualquer dos cargos de indicação da comissão, ou se um professor se ausentar por algum tempo, compete ao director convocar a Comissão da Escola Sabatina e preencher a vaga.

Deve o director ser o dirigente geral da reunião dos professores. Embora outros tenham atribuições especiais, como, por exemplo, o estudo da lição ou o Curso de Preparação, ele, juntamente com o vice-director deve liderar e procurar tornar a reunião dos professores uma parte vital da Escola Sabatina, e por meio dela tratar de formar um grupo de professores forte e espiritual.

Deve manifestar interesse pela música na Escola Sabatina, escolhendo hinos espirituais e edificantes — que sejam apropriados ao estudo do dia. Deve conseguir a ajuda do director do coro ou da música e organista para que esta parte do programa seja altamente espiritual.

A Escola Sabatina mantém grande parte do plano missionário mundial dos adventistas do sétimo dia. A maior percentagem das ofertas dadas em alguns países para o avanço do evangelho em terras missionárias provém das Escolas Sabatinas. Uma das responsabilidades de todo o director da Escola Sabatina consiste em relacionar-se com os planos destinados a fomentar o programa das missões e em aprender a apresentar eficazmente as necessidades dos campos missionários. Deve tratar de induzir sua Escola Sabatina a dar com tal espírito de sacrifício que os leve a manter de todo o coração o empreendimento missionário estrangeiro e atingir assim os alvos financeiros da Escola Sabatina.

Director Associado. — Deve ser eleito um ou mais directores associados para que assumam a responsabilidade da Escola Sabatina na ausência do director. Em qualquer momento, porém, podem ser convidados para planejar e dirigir uma sessão da Escola Sabatina, mas em regra geral esta responsabilidade repousa sobre o director. Ao director associado podem ser atribuídas na escola obrigações específicas, tais como atender às visitas, preparar os números do programa dedicado às missões, tratar de que sejam providos suplentes para as classes em que ocorrer falta de professores, e quaisquer outras responsabilidades em que o director careça de ajuda para levar a cabo com eficiência e pontualidade o programa da Escola Sabatina.

O Secretário. — Não há talvez nenhum cargo na Escola Sabatina em que sejam mais necessárias fidelidade, exactidão e cortesia cristã, do que na tarefa de

secretário. Em seguida ao do director, nenhum outro cargo da Escola Sabatina oferece maior variedade de oportunidades para serviço útil. O secretário é o principal auxiliar do director. Pela fidelidade e atenção aos pormenores, ele habilita o director a manter o dedo no pulso de toda a escola.

Os deveres do secretário podem ser sumariados do seguinte modo:

1. Apresentar à Escola Sabatina relatórios apropriados da obra da Escola Sabatina.

2. Distribuir aos professores o seu material e recolher seus cartões de registo e ofertas.

3. Anotar os cartões de frequência à classe dos oficiais e receber suas ofertas.

4. Manter registo das ofertas semanais para as missões, da importância da oferta do décimo terceiro sábado, das ofertas natalícias, do Fundo de Inversão e do dinheiro para as despesas locais, no caso de estas não estarem incluídas no orçamento das despesas da igreja.

5. Entregar ao tesoureiro da igreja todo o dinheiro da Escola Sabatina destinado às missões, bem como todo o dinheiro para despesas, arrecadado na Escola Sabatina.

6. Encomendar, por meio do secretário missionário da igreja, todo o material para a Escola Sabatina, *de acordo com a Comissão da Escola Sabatina*.

7. Guardar as actas das reuniões da Comissão da Escola Sabatina.

8. Manter todas as anotações que exige o livro de registo do secretário da Escola Sabatina, certificando-se de que todos os itens financeiros concordem com os do tesoureiro da igreja. Importante é que concordem o relatório fornecido por este, ao tesoureiro da Conferência ou Missão, e o de secretário da Escola Sabatina.

Em caso de ausência inevitável, deve o secretário sempre entregar ao secretário associado a acta, já redigida, e o material necessário, a fim de que, na ausência, os exercícios da Escola Sabatina se façam como de costume.

O Secretário Associado. — Estando ausente o secretário, actua em seu lugar o secretário associado. Deve estar presente em toda a reunião da Escola Sabatina, pronto para auxiliar em qualquer coisa que dele solicitem o director ou o secretário. Deve o secretário associado ser, de quando em quando, convidado para fazer as anotações para a acta e a redigi-la.

Se se desejar, pode o secretário associado funcionar como secretário da reunião dos professores e relatar ao secretário qualquer ocorrência que deva ser registada.

O Director do Coro ou da Música. — Em nossas Escolas Sabinas maiores, é geralmente eleito um director do coro ou da música cujo dever é dirigir a músi-

ca da Escola. Com o director, ele faz planos para a apresentação desse aspecto da adoração cada sábado. Em algumas escolas maiores também é escolhido um director associado do coro.

Como música especial deve escolher-se somente a que glorifique a Deus. Deve a escolha dos cantores ser feita com cuidado igual ao exercido para os demais cargos da Escola Sabatina, aferindo-os pelas mesmas normas.

O Organista. — Deve exercer-se sumo cuidado na escolha do organista ou pianista para a Escola Sabatina, tomando-se em consideração sua habilidade musical, padrão de carácter, maneira de trajar-se e comportamento.

Ofertas da Escola Sabatina. — Todas as ofertas da Escola Sabatina devem ser pelo secretário entregues ao tesoureiro da igreja. Deve o secretário fazer cuidadoso registo de todas as ofertas recebidas.

Esses fundos devem ser entregues ao tesoureiro da igreja quanto antes possível. Isto evita perda accidental. Quando, no fim do trimestre, são recolhidos os envelopes da Divisão de Extensão, devem as ofertas ser acrescentadas às já recebidas pela Escola. Deve tomar-se cuidado ao contar a oferta do décimo terceiro sábado, mantendo-a separada da dos doze sábados. As ofertas de aniversário e do Fundo de Inversão devem ser cuidadosamente registadas à parte de todas as demais ofertas.

Dinheiro para Despesas. — Muitas escolas arrecadam ofertas em datas determinadas para as despesas da Escola Sabatina. Todo o dinheiro dessa espécie deve ser mencionado nas actas, mantido separadamente das ofertas para as missões, e usado unicamente para pagar despesas da Escola Sabatina segundo for

autorizado pela comissão da mesma. Esse dinheiro é entregue ao tesoureiro da igreja, a fim de ser por ele guardado, separadamente. Em algumas igrejas as despesas da Escola Sabatina são incluídas no orçamento da igreja, sendo a importância empregada em material da Escola Sabatina autorizada pela Comissão da Escola Sabatina.

Relatório Trimestral. — Este relatório deve ser feito imediatamente depois do último Sábado do trimestre, e enviado pelo correio quanto antes possível ao director do Departamento da Escola Sabatina da Conferência. *Pode* ser lido perante a Escola Sabatina no primeiro sábado do novo trimestre; devendo sê-lo na reunião económica trimestral da igreja. Deve o secretário fazer o relatório em quatro vias — a original para o departamental da Escola Sabatina do Campo, uma para o director da Escola Sabatina, outra para o pastor, e uma para o arquivo permanente do secretário, para consultas futuras. Este arquivo deve ser completo e actualizado, pronto para comparações entre trimestres.

2. Emendar a referência à Escola Sabatina na subsecção do «Trabalho da Comissão de Nomeações», *Manual da Igreja*, pág. 194, como segue:

Director da Escola Sabatina
Directores Associados da Escola Sabatina
Secretário da Escola Sabatina
Secretário Associado da Escola Sabatina

Dirigentes das divisões da Escola Sabatina, incluindo dirigentes para as divisões de adultos e de extensão.

Secretário do Fundo de Inversão da Escola Sabatina

Director da Escola Bíblica de Férias da Escola Sabatina.



MADEIRA — Um dos aspectos do Acampamento dos Tições, nos Reis Magos

Minha Mãe, a Igreja

E. P. DELAPORTE

E. P. Delaporte foi padre e deixou, há doze anos, a Igreja Católica. Doutor em filosofia, é actualmente professor na Universidade Andrews. Escreveu um livro: «I Was a Catholic Priest» (Eu fui padre católico). Ele faz aqui um balanço.

Esperei doze anos antes de escrever este artigo, porque queria ter a certeza de haver observado bem a minha Igreja antes de falar dela. Com efeito, não é fácil falar da Igreja. Com demasiada frequência se confunde a Igreja com tal ou tal denominação, ou mesmo com um sistema arquitetado pelos homens.

Há uma dúzia de anos, eu tinha precisamente deixado a Igreja Católica porque ela se havia tornado em tal sistema, se havia afastado da fonte para matar a sede nas «cisternas rotas» do mundo, e havia traído a mensagem para melhor defender o sistema.

Mas que ia eu encontrar na Igreja Adventista? Doze anos mais tarde penso poder responder a esta pergunta. Permitti-me que primeiro me considere durante alguns instantes como um existencialista cristão. Penso, aliás, que todo o verdadeiro cristão é um existencialista que se ignora, sempre que, perante Deus, sozinho com a sua consciência, sem álibi nem restrição mental, procura situar-se em relação ao mundo. Infelizmente, durante dezenas de anos, na Igreja Católica, eu jamais tinha podido conhecer esta liberdade dos filhos de Deus. A minha vida espiritual tinha, com efeito, sido programada fora de mim; eu tinha-me contentado com baixar a cabeça e obedecer.

Ora eis que há doze anos me foi posta nas mãos uma bússola (a Sagrada Escritura); e em seguida foi-me dito: «Voga até ao porto da salvação.» E há doze anos que eu vogo, livre, mas ao mesmo tempo forçado a fazer constantemente escolhas (e é o lado paradoxal da existência), sentindo-me devedor para com Deus, mas ao mesmo tempo realizando cada dia actos que criam a minha existência própria aqui na terra e empenham a minha eternidade. E desde há doze anos que a Igreja Adventista me tem ajudado a fazer esta descoberta, devo confessar que é tonificante para a minha vida espiritual, e diria mesmo para a minha vida em si, avançar assim dirigido pela bússola, face a face com a minha consciência, sem nenhum álibi, subterfúgio ou restrição mental.

E, todavia, encontrava-me apenas no começo das minhas surpresas, porquanto minha nova Igreja tinha muitas outras descobertas para mim.

Por exemplo, durante decénios os dez mandamentos não tinham sido para mim senão barreiras. O prazer e a felicidade ficavam do outro lado da vedação; infelizmente, havia o arame farpado que me impedia a aproximação. E eis que subitamente, graças à minha nova Igreja, descubro o plano maravilhoso de Deus, o lado positivo e criador da Sua Lei. Deus queria que eu fosse feliz, Ele queria que eu desfrutasse o máximo da vida. Seus mandamentos não eram barreiras, mas antes meios de expansão. E é assim que, pouco a pouco, observando-os, o meu corpo regenerado por uma alimentação mais sã se tornou o suporte de uma inteligência mais viva apoiada por uma vontade mais robusta. E dentro de poucos anos tornei-me física, moral, intelectual e espiritualmente uma nova criatura.

E compreendi então por experiência própria porque é que Jesus disse um dia a Seus discípulos que não se pode deitar vinho novo em odres velhos, e porque é que o apóstolo Paulo nos diz que é necessário fazer desaparecer o fermento velho. É certo que eu havia lido antes esses textos, mas não os tinha compreendido. Intelectualmente, eu compreendia que não se podia servir a dois senhores, mas não estava plenamente convencido de que me seria vantajoso pôr em prática a sério uma tal doutrina. Ora esta experiência, eu a fiz na Igreja Adventista; e descobri como podemos ser felizes quando, uma vez por todas, pomos as nossas mãos nas mãos de Jesus, e Lhe dizemos: «Faze de mim o que quiseres.»

Restava-me ainda orar, aprender a falar a meu Pai. Tinha outrora recitado muitas fórmulas, e aprendido de cor longas orações. Tinha mesmo crido que quanto mais sofria, mais agradava a Deus. E assim, cada sexta-feira de manhã, me fustigava energeticamente na minha cela de Trapista, convencido de que por essa forma ganhava méritos para a Igreja. Mas uma dia, graças à Igreja Adventista, aprendi a falar ao meu Deus como um filho que conversa com o seu pai. Aliás, um Pai maravilhoso, um Pai extraordinário, cuja psicologia com frequência me surpreende, mas cujo amor é sem igual. Porque este Pai me ama, mesmo quando me envia provas na altura em que Lhe peço o êxito. O problema é que nem sempre nos encontramos no mesmo comprimento de onda. Quanto a mim, desejo o êxito sem esforço; mas meu Pai quer dar-me músculos e cérebro para o alcançar. Não obstante, agradeço à Igreja Adventista por me ter ensinado a orar.

Creio que a maior descoberta que fiz nesta

Igreja foi a da Palavra de Deus. E esta experiência foi para mim única, extraordinária, difícil de exprimir com palavras humanas.

No seminário católico eu tinha estudado a Bíblia, feito a exegese dos textos e passado conscienciosamente alguns minutos a lê-la cada dia. Mas, por outro lado, a Igreja Católica ensinava-me que o papa era a suprema autoridade na Igreja, e que se havia conflito entre a Bíblia e a autoridade da Igreja, é a esta última que eu devia obedecer. A Sagrada Escritura era certamente um bom livro, respeitado, mas mesmo assim relegado para o segundo plano. E quando eu era criança, em nossas classes de religião, o catecismo católico era muito mais importante do que os evangelhos, dos quais nos faziam aprender de cor algumas parábolas.

A este propósito, há um grande mal-entendido hoje entre os protestantes. Impressionados pelas mudanças superficiais operadas na Igreja Católica após o Vaticano II, eles imaginam os católicos inclinados sobre as suas Bíblias e buscando na «Sola Scriptura» uma nova regra de vida. É um erro. Os católicos que aceitaram a Escritura como única fonte de verdade representam uma ínfima minoria. E no decurso do Vaticano II, o Concílio reafirmou solenemente que a Tradição tinha o seu lugar ao lado da Escritura. Ora sabemos pela História que nesta Igreja as decisões eclesiásticas têm mais peso do que as verdades bíblicas.

Foi pois uma grande revelação e uma grande libertação quando a Igreja Adventista me revelou que a Palavra de Deus era a única fonte de verdade. É uma experiência extraordinária abrir a Bíblia, e ouvir Deus, porque Ele fala através das páginas do Livro Sagrado. Ele me diz quem Ele é, qual o Seu plano para o mundo, o que Ele espera de mim. E se aceito jogar lealmente o jogo, não posso escapar ao exame de consciência que, no fim do dia, me leva a comparar minhas acções com o que Jesus teria feito em meu lugar.

De resto, e é ainda uma coisa que a minha Igreja me ensinou, já não «trabalho» para a minha salvação. Já não procuro adquirir méritos para o céu ou para a Igreja. Está claro nas Escrituras: a salvação é gratuita. Mas assim como uma criança que tem um pai admirável procura agradar-lhe e honrá-lo, assim eu faço tudo para agradar a meu Pai dos céus e honrá-lo, porque Ele tanto me amou primeiro. Minhas relações com meu Pai mudaram por completo. Já não tenho medo do inferno porque em meu coração o amor substituiu o temor.

Não penso que a minha Igreja é perfeita, porque, enquanto estivermos na terra, por toda a parte em que haja o homem, há o humano. Mas entre todas as denominações que se dizem cristãs (e elas são numerosas), estou convencido de que a minha Igreja é a que se encontra mais perto do que Jesus queria para a Sua Igreja na terra. Desta afirmação decorre uma dupla obrigação: primeiramente

a respeito da Igreja. Se ela é a esposa pura e imaculada que Jesus para Si escolheu, não devo fazer nada que a manche ou prejudique a sua reputação. Minha segunda obrigação: a respeito do mundo. Se a minha Igreja é o caminho mais seguro que conduz a Jesus e à felicidade, então devo fazê-la conhecer. Guardar a verdade para mim só, como se guarda ciosamente um tesouro, e escondê-la debaixo do alqueire, quando tantos homens têm fome de Deus, seria uma falta imperdoável.



Resultado da Oferta do 13.º Sábado do 4.º Trimestre de 1979

A parte da Oferta do 13º Sábado que devia ser concedida à Divisão Euro-Africana no quarto trimestre de 1979 correspondeu à quantia de esc. 11.000.000\$00.

Desta quantia, 50% aplicar-se-ão na construção dos internatos do Colégio Adventista de Oliveira do Douro, 25% serão destinados à ampliação do Hospital de Andapa em Madagascar, e os restantes 25% irão para a construção de um centro de evangelização no Tchad. Agradecemos a todos os membros da Escola Sabatina que contribuíram para a concretização de um tão feliz resultado.

Há já algum tempo que a base do cálculo para a parte atribuída à Divisão que deve beneficiar desta oferta, foi alterada. No passado tratava-se do «excesso» do alvo destas ofertas do 13º Sábado e este excedente destinava-se a financiar projectos especiais. Actualmente, da totalidade das ofertas do 13º Sábado 25% são colocados à disposição desses projectos especiais e os restantes 75% juntos às ofertas dos doze sábados da Escola Sabatina são encaminhados para o fundo missionário mundial para manutenção da obra missionária. Assim, a importância acima referida, representa 25% do total da oferta recolhida por ocasião do 13º Sábado.

As ofertas da Escola Sabatina são, portanto, uma importante contribuição para o funcionamento da obra missionária mundial da nossa Igreja. Escolas Sábatinas activas são, conseqüentemente, a base financeira necessária ao progresso da Obra nos diferentes campos missionários.

Agradecemos a todos a consideração que continuam a dispensar a estas ofertas.

Erich Amelung

Tesoureiro da Divisão Euro-Africana

Harald Knott

Director do Departamento da Escola Sabatina da Divisão Euro-Africana

Transferências de Obreiros

Pelo Conselho da Associação foram recentemente votadas as seguintes transferências de obreiros: António Gameiro, para Setúbal; Daniel Silva, para Aveiro; Arnaldo Borges, para Faro; Albino Vieira, para Portalegre; Manuel Garrido, para Ponta Delgada.

Pastor Elbio Pereyra

De 7 a 13 de Julho esteve em Portugal o Pastor Elbio Pereyra, secretário-associado do Património Literário de Ellen White (Washington D.C.), que dirigiu reuniões sobre o Espírito de Profecia nos seguintes dias e locais: 7 e 8, Porto (para as igrejas do Norte); 9 e 10, Coimbra (para as igrejas do Centro); 11 e 12, Lisboa-Central (para as igrejas do Sul).

Neste número da *Revista Adventista* iniciamos uma série de artigos de sua autoria sobre «Preservação e Custódia dos Manuscritos de Ellen White».

OLIVEIRA DE AZEMEIS

Em primeiro lugar desejamos registar a gentileza do Ir. Alberto Silva, da igreja do Porto, que muito amavelmente, acedendo ao nosso pedido, fez uma pintura para o nosso baptistério, que agora ficou lindo.

Este querido irmão já tinha atendido idêntico pedido em favor da igreja de Espinho, na altura em que dirigíamos essa igreja. Com efeito, para o baptistério dali fez uma pintura e outra que ficou na montra da mesma igreja, que tem sido admirada pelas pessoas que por ali passam.

É tanto mais de admirar quanto é certo que tudo faz de graça, por amor. Ele ama de facto a igreja, e deseja vê-la linda, tal como nós. Por isso lhe pedimos os seus serviços. Daqui, de Oliveira de Azemeis, os irmãos, reconhecidos, lhe dizem: Muito obrigado, irmão Alberto Silva.

Tivemos o prazer de realizar uma sessão de baptismos. Diz o santo Evangelho que a seara está madura; porém em Oliveira de Azemeis ainda não está bem madura, e daí o pequeno número que desejou fazer um pacto com Deus e fazer sua entrega através do baptismo. Pedimos ao Senhor da seara que envie o calor do Seu Espírito, a fim de que Sua seara amadureça depressa para se colherem os frutos que ainda existem nesta localidade. Os baptismos foram realizados na igreja de Canelas, por ocasião do Congresso Regional do Norte.

Todavia os nossos jovens estão activos, e assim a direcção da Juventude levou a efeito a primeira festa das Mães, que foi presenciada e admirada por mu-

tos irmãos e algumas visitas. É digna de louvor pela sua persistência e esforços para conseguir realizar esta festa a sua dinâmica directora, nossa irmã Luiza Bela Fonseca.



OLIVEIRA DE AZEMEIS — Na festa de homenagem às Mães

Algum tempo antes também os jovens da igreja de Espinho quiseram mais uma vez confraternizar connosco, deslocando-se em número muito apreciável à nossa igreja e apresentando um programa que a todos muito agradou. Parabéns à Juventude de Espinho e à sua directora irmã Natividade Quintino, que nos deliciaram com este belo programa. Queremos desejar que não seja o último, e pedimos

que amparem os poucos jovens da nossa novel igreja.

São os votos de nossa igreja e do casal Diogo.

Adelino Nunes Diogo

REBOLEIRA (AMADORA)

No passado dia 3 de Maio, pelas 18.30, a Direcção de Jovens desta igreja levou a efeito a sua primeira reunião.

A actual Direcção, composta por Rangel Ramos, Ana e João Esteves e Cristina Domingos, pode considerar-se de parabéns, pois que teve habilidade para agradar a todos os jovens (dos 7 aos 70 anos) presentes, numa reunião que foi fértil, de agrado geral nas suas actuações.

O tema «O homem — protagonista do futuro» proporcionou expressivas e apropriadas músicas relacionadas com o tema, e ensejo de todos os participantes, numa manifesta prova de carinho e boa vontade, demonstrarem todo o seu calor espiritual que, pela infinita graça de Deus, se manifesta em crescimento nesta pequenina igreja.

Como uma nota de carinho e ainda muito de dedicação que todos sentimos pela nossa querida irmã Cesária de Jesus, uma admirável «jovem» de 79 anos, quis a Sociedade Missionária testemunhar aos jovens a dedicada actuação desta querida irmã, que na Campanha das Missões se distanciou muitíssimo de qualquer outro,



OLIVEIRA DE AZEMEIS — Os mais pequeninos também colaboraram na festa

atingindo uma verba muito acima do alvo pedido a cada membro, oferecendo-lhe «O Apocalipse Revelado», livro que a nossa irmã não possuía, e em cuja entrega se proporcionou a oportunidade de estimular todos os jovens, e não só, para seguirem o exemplo desta querida irmã.

Foi um momento de ternura, que permitiu dar ensejo a provas de carinho para esta irmã, e de contagiosa alegria. Que Deus a abençoe e que seja na verdade um exemplo que todos possamos seguir.

Reuniões de tão são convívio e de tanto calor espiritual são necessárias, pelo que daqui enviamos o nosso abraço de simpatia à Direcção dos Jovens da igreja da Reboleira e pedimos: Mais coros de juvenis e jovens, mais poesias, mais actuações do coro da igreja «Advento».

Igualmente desejamos ouvir em solo o nosso irmão José Santinho, que desta feita só tivemos o privilégio de ouvir nos acompanhamentos de «O Advento», e os solos da nossa irmã Ângela. Pedimos ao nosso amado Senhor que possamos ter muitos mais Sábados deleitosos como o do dia 3, para nosso deleite espiritual, e para honra e glória d'Aquele que amamos e seguimos.

Este programa vai ser repetido em algumas igrejas. Que Deus abençoe a todos aqueles que participem, quer actuando, quer ouvindo.

É este o sincero desejo do vosso em Cristo Jesus.

Ilídio Cottim

TOMAR

Expedição à Nascente

Obrigado, Pai!

Éramos 23 os que saímos de Tomar, em direcção à nascente do Nabão, numa bela 2.ª Feira, a última do mês de Março, com grande carga e maior boa disposição: o Tó, o Mário, o João Paulo, o Zé Carlos e o Zé Mário de Aveiro; o Ângelo, a Fernanda, a Luísa e a Paula do Entroncamento; o Zé Duarte e família, o Fontes, a Carla, a Selma, o Moisés, o Vítor e o Paulo Domingos de Tomar; o Romualdo de Santarém; o Carlos Santos de Atalaia do Campo; e o Manel de Almada.

Todos fresquinhos e cheios de boa vontade saímos rio acima, já o sol ia um pouco alto e o calor apertava.

O rio, rio Nabão. "Naba parece ter sido o nome que lhe davam os povos que primeiro habitaram as suas margens... Naba... é termo muito antigo, talvez de origem celta, e seria por ele designado este rio por ser muito abundante em peixe..." (1)

"O rio, dizem os livros e os geógrafos, nascê em Ansião. A sudeste daquela vila, num grande "olho de água"... Mas para o povo de Tomar, não é assim. O rio nasce no Agroal... Por isso se chama àquela "nascente"... a NASCENTE DO RIO". (2)

"É ali (no Agroal), em boa verdade, que nasce o rio. Se não no sentido

geográfico, pelo menos no sentido real, de volume de água..." (3)

E foi no Agroal que terminou a primeira etapa e o primeiro dia; à chegada, muitos já não traziam aquele sorriso que tinham à partida.

Foi por isso que, na 3.ª Feira, apenas "seis papa-léguas" seguiram para Ansião onde chegaram, em «sprint», ao cair da noite.

Um pensamento nos animava, os que ficaram e os que seguimos: ENCONTRAR A NOSSA PRÓPRIA NASCENTE.

"Para montante do Agroal, o rio, é ribeiro. No Verão regato, fio de água, ou leito seco, com poços aqui e ali". (4)

Assim é este rio que nos pareceu pessoa. Como pessoa, nasce das entranhas da «Mãe Terra» através de dois "olhos de água" que nos foram dados observar na 4.ª Feira de manhã, depois de uma noite passada num alpendre de um nosso irmão de Ansião, que se prontificou em no-lo ceder.

E, como pessoa, o seguimos na viagem de volta, um pouco mais calma com banhos à mistura e que nos deu para meditarmos um pouco: hesitante, a princípio e coberto de uma capa de pequenas flores brancas como que de manto materno se tratasse e onde, por vezes, mais se adivinha do que se vê aquela água do "bebé-Nabão", mas que começa já a receber o que, de mau, o mundo lhe dá (a fábrica de alcatifas em Ansião polui, em grande medida, as águas);



FUNCHAL — Tições



FUNCHAL — Desbravadores

depois, o manto começa a destapar e o rio começa já a ver o sol e parece querer brincar como criança que é; por alturas de Parecerias começa a sua transformação para a puberdade; aí parece que os "problemas" e obstáculos são grandes demais para a sua força e ele infiltra-se, por vezes, como que submergindo a esses obstáculos, reaparecendo em pequenas albufeiras, presas entre pedras, à superfície; belas, como podem ser, e são belos os momentos de paz de um adolescente; e o rio continua, e quase que parece não ter vontade de viver, de correr, para logo se animar antes de chegar ao Agroal e a sua juventude ganha de novo força.

E chegámos com o rio ao Agroal, onde fizemos uma tentativa (frustrada) de ataque ao acampamento.

No Agroal, esses dias também tiveram história. Desde o tacho até à reunião em que se discutiu o tema "Religião", às fogueiras, às explorações, o trabalho no campo, tiveram a sua história.

Visitas às grutas, passeios, conversas à fogueira, cantos, anedotas, alegria, preencheram aqueles dois dias de descanso de 5.ª e 6.ª Feira "três espertalhões" pegaram nas suas "tendinhas", atravessaram o rio, "molharam-se até aos calções" e montaram acampamento na margem contrária ao resto do grupo.

Na 6.ª Feira à noite, 10 aventureiros resolveram dormir numa caverna descoberta dias antes: sustos!!! mudanças de lugar, risos, enfim, boa disposição.

No Sábado de manhã, tivemos a Escola Sabatina coordenada pelo Manel e a hora do culto foi dirigida pelo Carlos Santos, em que foi animado o diálogo que se estabeleceu nos temas sobre a Testemunha Fiel e Verdadeira (Escola Sabatina) e sobre Evangelização.

A noite de Sábado, a última que ali passámos, à volta da fogueira, fez-nos



FIGUEIRÓ DOS VINHOS — As crianças da Casa da Criança

apreciar uma história "paleolítica" com pré-históricos, fumo e ursos e tudo, sobre a noite passada na caverna (o urso era o Manel que assustou todo o mundo) e algumas músicas sobre vários acontecimentos do acampamento: "os três espertalhões", "o chá da mosquitada", "o queijo único", etc., etc... Os mais valentes ainda se lançaram ao "banho da meia-noite" (outros lançaram-se ao sono da meia-noite até às dez); houve até quem se avertisse a passar a noite junto à fogueira, o que já tinha sido feito em noites anteriores (e se estava frio).

No domingo, nós e Nabão "corremos" para Tomar.

"O nosso rio! E logo a cidade se

lhe abre num espasmo de beleza. É o Mouchão. A ilha bonita. A menina dos nossos olhos. E são os açudes de pedra. O Açude Real, ligando o Mouchão à antiga horta Torres Pinheiro (hoje, terrenos do Estádio); o Açude dos Frades, unindo a Ponte Velha também à horta Torres Pinheiro e encaminhando, para a Levada, as águas do rio. E é a Várzea Pequena. Todo o nosso pequeno mundo... Tomar... Rio e cidade, casando-se em harmonia". (5)

"Depois, rio abaixo, continua a euforia..." (6)

Para nós, o "desaguar" em Tomar foi o fim desta pequena aventura.

"Mas lá de cima, da Nascente do Rio, outras águas correm. Eterno, o ciclo continua. Os verdes continuam..." (7)

Como balanço final, um saldo positivo; todos concordámos que foi bom e que se passou por uma experiência que vale a pena repetir, talvez noutra local, com uma cozinha um pouco mais afinada, mas... isso é outra história; porque nesta, os pontos menos bons não conseguiram estragar a alegria e o prazer de um contacto mais íntimo de uns com os outros, com a natureza e com Deus.

Grande foi a colaboração prestada pelo Zé Duarte e o seu "chaço" de quatro pneus "Miquelim", que nos acompanhou quase sempre e até Ansião.

Por tudo isto apenas podemos dizer: "Obrigado, Pai".

Manel...
Abril/80

(1) — Notícia discriminativa e história da cidade de Tomar — Dr. J. M. Sousa.

(2) — Coisas Simples da Terra Tomarense (vol. 1) — o Rio, os Açudes e as Rodas — Fernanda Ferreira (Edição da Junta Distrital de Santarém/1976).

(3) — Idem

(4) — Idem

(5) — Idem

(6) — Idem

(7) — Idem



FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Jogo da barra do lenço

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MISSÃO MARANATA daqui vos saúda.

Em todo o concelho de Figueiró dos Vinhos o alcoolismo é a doença mais espalhada e nas escolas primárias alunos há que ali chegam já embriagados com aguardente.

É usual os pais darem aos filhos as célebres «sopas de cavalo cansado» — vinho quente, pão e açúcar.

Homens e mulheres, no campo ou nas fábricas bebem, usualmente, nas 24 horas, 2 a 5 litros de vinho.

Crimes de vária ordem e os mais terríveis se praticam devido ao estado de alcoolismo das gentes.

Ao clero católico isto pouco importa e nada faz a favor da elevação moral e espiritual do povo. Paróquias há em que o padre vive na vila e ali se desloca apenas para a missa de Domingo e na Páscoa para receber o «folar».

São ovelhas sem pastor... «mas convém também agregar estas para que exista um só rebanho e um só Pastor.»

Como estava previsto e foi noticiado na Revista Adventista de Abril, no dia 13 desse mês realizou-se uma conferência pública para apresentar a Comissão Directiva da recentemente criada Liga da Prevenção do Alcoolismo de Figueiró dos Vinhos.

Estiveram presentes o Presidente da Câmara Municipal, o Delegado de Saúde, a Notária, a Delegada Escolar e este vosso irmão.

Todos focaram vários aspectos do alcoolismo e com satisfação contámos com a presença do Secretário da Associação Internacional de Temperança, pastor Joaquim Dias, que acedendo ao nosso convite aqui esteve colaborando com a sua palavra e apresentando um filme sobre o alcoolismo, o que muito agradou.

Assistiram com vivo interesse cerca de 60 pessoas entre as quais 4 ex-alcoóli-

cos, um deles entrevistado pelo signatário desta comunicação e todos desejando colaborar com a Liga no resgate de alcoóliccos.

Convidados pelos «grandes da terra» a preencher o tempo livre do 1º de Maio propusemos e foi aceite a realização de uma festa que ocupasse os juvenis e os jovens durante a manhã em «corridas de sacos», «barra do lenço», «salto à corda», etc., e nestas recreações participaram cerca de 120 alunos das escolas com a presença animadora de muitos adultos e muitos irmãos vindos de Tomar com o fim de assistir ou dar sua colaboração.

À tarde procedeu-se à confecção de um «jornal mural» com desenhos, contos e poesias subordinadas aos temas: *A Mãe, A Criança, O Mundo Que A Criança Desejava e O Trabalho*.

O desenho com o tema *O Trabalho* foi o mais representativo; 2 exposições de 2,50m x 1,20m ficaram repletas de trabalhos que a criançada colocava com visível agrado.

Finalmente seguiu-se uma festa dedicada às mães com cerca de 50 participantes entre os quais se encontravam as crianças da Casa da Criança, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, muitos juvenis e alguns jovens. Coros, números musicais, poesias, diálogos e uma pequena peça, deliciaram a assistência que superlotava o salão da Casa do Povo. Entre os presentes o Presidente da Câmara Municipal, dois dos principais advogados, um médico, vários professores, bancários, etc. e muita criançada.

As crianças deliravam com esta oportunidade que se lhes concedeu e os adultos declararam que nunca algo de semelhante se fizera e pediram para continuarmos a promover iniciativas deste género pois as crianças necessitavam de quem se interessasse por elas e as dirigisse para as coisas do espírito.

Colaborou com cânticos um grupo

de juvenis e outro de jovens da igreja de Tomar e quatro juvenis da pequena igreja desta Missão, estes com poesias.

Estamos dando estudos bíblicos a 3 famílias uma das quais convida algumas pessoas amigas para assistir.

Continuamos a nossa «via sacra» às escolas do concelho e vamos tomando conhecimento com os problemas gerados pelo alcoolismo e ajudando as crianças a tomarem uma posição, que esperamos «firme», contra as bebidas alcoólicas.

Temos verificado que este trabalho tem a sua vitória. Noutra oportunidade relataremos algumas experiências.

Numa reunião que se realizou na escola liceal de Castanheira de Pera, alunos e professores ouviram atentamente a exposição sobre tóxicos — álcool e tabaco — e no tempo para perguntas as mais variadas e pertinentes foram feitas e respondidas e notas foram tomadas.

Os alunos chegaram mesmo a acusar adultos pelo facto de querendo copiá-los como modelos, terem ficado amarrados ao tóxicos.

O apresentador do programa, muito ovacionado pelos alunos, foi no final cumprimentado pelos professores que declararam ter ouvido muita coisa desconhecida mas da maior importância para uma vida com saúde e que tendo estado ali uma equipe médica falando sobre tabagismo ficou muito áquem do que se focara naqueles momentos, não dispondo, sequer, de incentivos visuais.

Aqui fica o nosso muito obrigado ao Departamento da Temperança da Associação Portuguesa por nos custear os cerca de 500km a percorrer.

Do que temos mais necessidade é de verba que nos permita correr quilómetros para efectuar contactos. Estamos dispendendo pessoalmente de mil escudos mensais, mas quantas vezes temos de parar porque o dinheiro se gastou em gasolina e material.

Continuai a orar por nós.

Esperamos dentro em breve voltar a dar notícias.

As 3 fotografias que documentam este relato representam o «jogo da barra do lenço», as crianças da Casa da Criança e os juvenis, actuando na festa.

Vosso em Cristo

J. Sincer

ANGRA DO HEROÍSMO

Quarenta e oito horas depois de ocorrido o forte terramoto de 1 de Janeiro que assolou os Açores, chegava à Ilha Terceira, onde reside o principal núcleo de crentes das três ilhas atingidas, o presidente da nossa Associação, Pastor Morgado. Vindo no primeiro avião que rumou esta ilha depois do sismo, constituindo os passageiros quase na totalidade homens da imprensa, pôde ver *in loco* o alcance da catástrofe, o estado dos crentes e começar logo a delinear os planos de auxílio ao alcance da Organização. Não houve vítimas físicas entre a comunidade Adventista do Sétimo Dia de Angra, embora quase todos tivessem ficado com as suas casas bastante danificadas. Duas irmãs fi-



FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Juvenis actuando na festa



ANGRA DO HEROISMO — Estado em que ficou a casa do obreiro

caram sem lar. A casa do Obreiro local, parcialmente destruída, seria irre recuperável.

As primeiras necessidades foram supridas, géneros foram distribuídos. Alguns dias mais tarde chegava pelos TAP uma primeira encomenda com colchões, cobertores, roupas e grande quantidade de géneros proveniente da ASA (Assistência Social Adventista). Da Madeira vem abundante ajuda também da comunidade local. Outras se seguirão, fruto da generosidade dos membros das Igrejas do Continente. Chegam também encomendas das Bermudas, e da Alemanha. Graças a este espírito de solidariedade cristã foi possível à Igreja Adventista do Sétimo Dia socorrer centenas de sinistrados terceirenses.

Continuava contudo de pé o grave problema das casas danificadas, em especial dos crentes. Com a falta de mão de obra, logo a especulação se fez sentir, ficando os nossos irmãos, na maioria de posses reduzidas, impossibilitados de verem as suas casas novamente habitáveis. Ainda durante a estadia do pastor Morgado foi decidido lançar um apelo, nunca até então feito em Portugal em circunstâncias iguais. Convidar irmãos voluntários, dispostos a ajudar na reconstrução e no apoio moral, através da sua presença.

A 12 de Fevereiro chega a primeira equipa. Algumas semanas depois partem estes dando lugar a outros. Mal instalados em casas atingidas, a chover-lhes na cama, tudo suportaram com optimismo. Esquecê-los seria injusto:

João Ferreira (Matosinhos)
 Inocêncio Silva (Canelas)
 José Carlos Marques (Amadora)
 Isac Dias Vieira (Avintes)
 João Gomes (Santarém)
 José Maria Janeco (Portalegre)
 José Manuel Semedo (Coimbra)
 Joaquim Machado (Delães)
 António Machado (Delães)
 Jorge Neto (Santana)
 José Ferreira (Santana)
 Rogério Oliveira (General Roçadas)

As duas irmãs sem habitação também não foram esquecidas.

Da actividade desenvolvida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no socorro às vítimas do sismo nos Açores dá-nos conta o artigo aparecido no jornal «Diário Insular» de Angra do Heroísmo de 14.6.80:

«IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA

«Foram ontem entregues a duas famílias sinistradas dois módulos de emergência, no valor aproximado de 800 mil escudos, oferta da Igreja Adventista do 7.º Dia.

«Ainda no quadro de ajudas às populações desta ilha, fez, este movimento religioso, deslocar do continente fiéis vo-

luntários que durante 4 meses ajudaram a reerguer ou a reparar 7 casas danificadas. Este pessoal, composto na sua maioria por jovens, veio a expensas desta Organização, ficando apenas ao encargo dos sinistrados o seu alojamento e alimentação. Incluindo viagens, alguns salários e outros tipos de ajuda, o montante desta despesa rondou os 500 contos.

«Nos primeiros meses após o sinistro, também grandes quantidades de roupas e géneros foram distribuídos.

«Dado à sua organização interna e ao elevado espírito de solidariedade das suas principais comunidades do continente, e de algumas do estrangeiro, foi possível à Igreja Adventista do 7.º Dia estar presente, minorando o mal de algumas famílias terceirenses, das muitas que infelizmente foram atingidas.»

Este elevado Espírito de Solidariedade mantém-se ainda vivo. De além fronteiras chega-nos agora o nosso grupo já conhecido Maranatha Flights International colocando-se à disposição para construir uma moradia para o Obreiro e o novo Templo, Templo esse já programado antes do sismo e cuja falta muito mais se faz sentir após este.

Depois de tudo isto não podemos deixar de agradecer a todos aqueles que directamente se interessaram por esta tragédia, e expressar o nosso louvor e gratidão a Deus que mais uma vez cumpriu a promessa, não desamparando aqueles que põem n'Ele a sua confiança.

Rogério Fernandes

À MEMÓRIA DE MARIA DA GLÓRIA SOARES

Uma vez que Jesus incluiu os terremotos entre os sinais precursores do fim do mundo, é por demais evidente que, o grande sismo que abalou as ilhas dos Açores, no passado dia 1 de Janeiro, é



Primeira equipa a responder ao nosso apelo, com o Pastor João dos Santos, momentos antes do embarque para Angra do Heroísmo

mais uma advertência de que estamos vivendo nos últimos dias que precederão a Sua gloriosa Vinda.

Damos graças a Deus que, não obstante a intensidade deste grande acontecimento, que causou avultados danos materiais e acentuado número de vítimas, nenhum dos nossos irmãos perdeu a sua vida e a nossa igreja, em Angra do Heroísmo, continua de pé.

É de salientar que, ao lado da onda de solidariedade que o fenómeno provocou por toda a parte, tanto no país como no estrangeiro, a *Acção Social Adventista*, tenha marcado a sua presença auxiliadora desde a primeira hora.

Nada de estranho que, tendo passado cerca de 10 anos de acção missionária naquelas encantadoras ilhas açoreanas e ali tenha nascido a nossa filha, sentíssemos grande ansiedade e inquietação pela situação de tantos irmãos e amigos, a quem nos ligam fortes laços de simpatia e amizade, mantidos pela sua fidelidade ao longo de tantos anos. Motivada pela indagação que fizemos acerca das condições de vida de muitos irmãos que, de mais perto, nos deram a sua fiel colaboração na divulgação da Mensagem aos açoreanos, chegamos a desagradável notícia que a nossa saudosa irmã Maria da Glória Soares, cujo nome serve de epígrafe a estas linhas já descança dos seus labores desde 29 de Janeiro do ano findo.

Foi em casa desta activa serva do Senhor que se organizou a primeira E. Sabatina, de onde saíram, também, os primeiros membros da igreja, baptizados pelo Pastor E. P. Mansell, em 12 de Dezembro de 1935, tendo sido mais tarde organizada a Igreja de Ponta Delgada que ali fomos encontrar, quando ali desembarcámos, em 27 de Abril de 1940, enviados pela União para dirigir a Missão Açoreana.

A irmã Maria da Glória e três dos seus filhos exerciam várias actividades na igreja e tomavam sempre parte em todas as saídas missionárias. A nossa irmã foi um abençoado instrumento nas mãos de Deus, que muito contribuiu, ao longo dos anos que ali permanecemos, para levar o conhecimento da Verdade a muitas almas em Ponta Delgada e em toda a ilha de S. Miguel.

Nestas minhas linhas, cujo fim visa prestar uma singela e bem mere-

cida homenagem à memória duma fiel serva da igreja do Senhor durante mais de quarenta anos, em que não faltaram dificuldades e sacrifícios, não me furtarei a mencionar uma inesquecível experiência que trouxe grandes bênçãos ao nosso trabalho em tempos difíceis.

Era o ano de 1941, segundo ano de guerra, sofrimento e morte, com a presença de grandes contingentes militares nos Açores e restrições de toda a ordem impostas pelas condições de vida e pela vigência das autoridades governamentais.

Iniciámos a campanha anual das missões. A entrada nas repartições e nos quartéis, onde nos anos anteriores obtínhamos boa receita, carecia da autorização superior que não era fácil obter. Enfrentávamos uma situação difícil; mas a obra era do Senhor e orámos fervorosamente para que Ele nos abrisse o caminho, e, "sobre a Sua palavra, lançámos a rede". (Lucas 5:5).

As dificuldades foram removidas, graças a Deus, e podeis compreender a nossa alegria e gratidão quando a nossa zelosa irmã pôde obter, da parte de Sua Ex.^a o Brigadeiro e Comandante Militar dos Açores, autorização para pedir um óbulo para as missões portuguesas, nas unidades e estabelecimentos militares.

Seguiu-se, depois, uma abundante e proveitosa colheita de donativos e distribuição de revistas, cujos frutos só no Céu se conhecerão.

A nossa saudosa irmã descança agora no Senhor; as suas obras atestam a sua fé no Salvador que a ressuscitará no último dia.

A igreja de Ponta Delgada sofreu uma grande perda com o passamento da nossa irmã Maria da Glória Soares, e nós partilhamos a grande provação que feriu o coração dos seus filhos que recordo com a maior simpatia fraterna e amiga: Lúcio Soares, foi um colportor de grande êxito. "Detentor da "flâmula azul" na rapidez e quantia de vendas". Aluno do Seminário que, mais tarde fui encontrar em Moçambique, e que na sua qualidade de director da *Nestlé*, auxiliou, de maneira apreciável, as nossas missões naquele campo. Natália e Ivo Soares, bem como seus familiares, também membros da nossa igreja, aos quais estamos ligados pelo pensamento e pela oração, exortamos para que, fiéis e fortalecidos no Senhor, confortados pelo exemplo de sua querida mãe e nas maravilhosas promessas d'Aquele que é a ressurreição e a vida, possam estar presentes naquele grande dia em que todos se reunirão na casa do Pai.

Manuel Lourinho



ANGRA DO HEROÍSMO — Segunda equipa

Agradecimento

Os membros da Igreja Adventista de Angra do Heroísmo, que foram afectados pelo sismo do dia 1.º de Janeiro de 1980, manifestam o seu profundo reconhecimento à direcção da Organização Adventista a nível da Associação Portuguesa, da União Sul-Europeia, Divisão Euro-Africana e da Conferência Geral e à comunidade adventista no seu todo pelo auxílio prestado no envio de roupas e alimentos, etc.

Ainda, a nossa profunda gratidão aos nossos queridos irmãos do Continente, que manifestaram o seu amor por nós, deixando os seus lares e correndo riscos, a fim de fazerem parte das equipas de reconstrução.

A Mensagem Adventista no Mundo

IGREJA PARA CEGOS NA COREIA

Uma congregação formada por pessoas cegas foi organizada em Seúl, capital da Coreia do Sul. Vinte pessoas assistiram ao primeiro culto num prédio que está sendo usado exclusivamente por esse grupo. Anteriormente eles reuniam-se nas instalações da Igreja Central de Seúl.

Em 1975 Park Sang Hyun começou um curso por correspondência para invisuais. Quase todos os membros do novo grupo vieram para a igreja em resultado desse trabalho pioneiro.

ASSOCIAÇÃO DE PROFISSIONAIS E HOMENS DE NEGÓCIOS ADVENTISTAS

Mais de 300 delegados assistiram à convenção anual da A.S.I., sigla que indica a Associação de Profissionais e Homens de Negócios Adventistas. Esta associação tem a sede nos Estados Unidos, e a convenção realizou-se em Hawái.

O objectivo do encontro foi estudar meios de empregarem seus negócios, indústrias, instituições, profissões e recursos para um testemunho mais eficaz em prol do evangelho.

HINDUS ACEITAM O EVANGELHO NO SUL DA ÍNDIA

Durante muitos anos o evangelismo adventista no sul da Índia apelava principalmente ao pequeno segmento cristão da sociedade. Isso já não acontece. Actualmente milhares de hindus procuram assistir maciçamente às cruzadas evangélicas para ouvirem as mensagens sobre o amor de Cristo.

A maioria das 52 pessoas que na área de Illupaiyoor tomaram sua decisão por Cristo são de origem hindu. Após o tema «Os Dez Mandamentos» ter sido apresentado, uma senhora dirigiu-se ao evangelista e declarou: «Pastor, há muitos anos atrás uma mulher cristã veio até nossa casa e leu-nos a Bíblia e orou por nós. Ela disse-nos que quem viesse e pregasse sobre os Dez Mandamentos estaria com a verdade. Durante muitos anos esperei que viesseis. Agora quero unir-me à sua igreja.» Ela contribuiu para que outras 15 pessoas tomassem a mesma decisão.

O MAIOR PERIÓDICO ADVENTISTA EM CIRCULAÇÃO

El Centinela, periódico missionário mensal de 16 páginas, publicado pela Pacific Press Pu-

blishing Association, nossa maior editora mundial, situada na Califórnia, E.U.A., iniciou seu 87º aniversário com uma edição de 550 mil exemplares. Apoiada fortemente pelos membros da igreja por toda a Divisão Norte-Americana, e também pela Interamericana, essa revista em espanhol tornou-se o maior periódico adventista em circulação.

Edições paralelas são publicadas noutras línguas pela mesma editora para o trabalho em favor de imigrantes e nativos de várias nacionalidades: *La Sentinelle* (francês), *The Sentinel* (inglês), *Siniais* (português) e *De Sentinelle* (holandês, trimesal). Essas revistas, cuja circulação combinada alcança três quartos de milhão de exemplares, apresentam as crenças adventistas de uma maneira atraente, que leva em consideração as diferenças culturais.

A OBRA ADVENTISTA EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Do relatório apresentado pelo Pastor Edwin Ludescher, presidente da Divisão Euro-Africana, na sessão da Conferência Geral, em Dallas, extraímos o seguinte trecho referente a Angola e Moçambique:

«Em 1975 os nossos missionários tiveram que deixar Angola e Moçambique devido aos acontecimentos. Durante o período de tempo em que os nossos irmãos africanos foram deixados aos seus próprios recursos, levaram avante a obra de uma maneira exemplar. Em Angola, de 3.000 a 3.500, e em Moçambique, de 2.000 a 2.500 almas são baptizadas cada ano apesar das muitas dificuldades. Assim, em Angola há actualmente 47.038 e em Moçambique 22.374 membros de igreja baptizados.

Tornou-se agora possível enviar de novo um médico para o nosso hospital missionário do Bongo. Trata-se do Dr. Fernando Sabaté, médico espanhol, que ali se encontra trabalhando, na companhia de sua esposa. Foram feitos pedidos para a autorização de entrada de mais um médico e duas enfermeiras. Confiamos que receberemos a luz verde de maneira que o nosso hospital do Bongo possa funcionar de novo normalmente, e que seja uma bênção para a população dali.

Quanto à preparação de ministros e evangelistas, são muito animadores os progressos efectuados em nossos cursos de teologia. No seminário do Bongo, estão matriculados mais de 60 alunos. Na Beira, Moçambique, 17 jovens africanos estão frequentando a nossa pequena escola, a fim de se prepararem para o ministério evangélico.»